



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 17, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 17 - EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.17.06>

Recebido em: **30/08/2020**

Aprovado em: **07/09/2020**

A CIDADE ENTENDIDA COMO PEDAGOGIA: POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DE CACHOEIRA-BA; THE CITY UNDERSTOOD AS PEDAGOGY: EDUCATIONAL POTENTIALITIES OF CACHOEIRA-BA; LA CIUDAD ENTENDIDA COMO PEDAGOGÍA: POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DE CACHOEIRA-BA

KEILA REIS SANTOS

<https://orcid.org/0000-0001-6208-5204>

RESUMO

A cidade é o espaço da ação humana, lugar de vivência, ela está conexas à vida dos habitantes e à história do lugar. Nesta encontram-se intrínsecas potencialidades educativas que possibilitam aprendizagens que, muitas vezes, não são percebidas. Portanto, neste trabalho a cidade é apresentada como um espaço não formal de educação com potenciais educativos que podem contribuir para aprendizagens significativas. A partir dessa concepção, como objeto investigativo é analisada a cidade de Cachoeira–BA, localizada no Recôncavo Baiano, e que possui os títulos de Cidade Heroica e Patrimônio Nacional. Sendo assim, esse trabalho buscou identificar as potencialidades educativas desse município. Ao final, certificou-se que a cidade de Cachoeira é um espaço não formal de educação que pode atender às demandas das modalidades educativas de educação formal e não formal.

Palavras-chave: Espaços não formais, Potencialidades educativas, Cidades como pedagogia.

ABSTRACT

The city is a place for human action, for experiencing. It is linked to the lives of its inhabitants and also its history. It is where we find intrinsic educational potentials that make learning possible constantly and this is often overlooked. Therefore, in this research, the city is seen as a non-formal educational set or as “a pedagogy” and its educational potentials may contribute to meaningful learning. We investigated the educational potentials of Cachoeira, Bahia, a small historic town located at Recôncavo of Bahia, and which has the titles of Heroic City and National Patrimony. As a conclusion, the characteristics of the city, identified during the research, are rich enough to supply the demand for formal and non-formal education approaches.

Keywords: Non-formal educational places, City as pedagogy, City educational potentials

RESUMEN

La ciudad es el espacio de la acción humana, un lugar de vida, está conectada con la vida de los habitantes y la historia del lugar, en el que se encuentran potencialidades educativas intrínsecas que permiten un aprendizaje que a menudo no se percibe. Por lo tanto, en este trabajo, la ciudad se presenta como un espacio educativo no formal con potencial educativo que puede contribuir a un aprendizaje significativo. Desde esta concepción, la ciudad de Cachoeira - BA, ubicada en el Recôncavo Baiano, que tiene el título de Ciudad Heroica y Patrimonio Nacional, queda expuesta como objeto de investigación. Por lo tanto, este trabajo buscó identificar el potencial educativo de este municipio. Por lo tanto, se certificó que la ciudad de Cachoeira es un espacio educativo no formal que puede satisfacer las demandas de las modalidades de educación formal y no formal.

Palabras clave: espacios no formales, Ciudad Cascada, Potencial educativo.

INTRODUÇÃO

Educação vai além do saber ler ou escrever, ter um diploma ou títulos. Nunca se deixa de aprender, de se educar ou de ensinar, isto é um processo contínuo que envolve a inserção de diferentes saberes que perpassam todas as fases da vida e possibilitam desvendar um universo de conhecimentos.

Paulo Freire (1989, p. 9) afirmava que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Partindo desta perspectiva, entendemos que a educação também é efetivada através da observação e reprodução dos valores, técnicas e cultura e no exercício da vivência e convivência do lugar que está. Sendo, portanto, um fenômeno ilimitado, plural, dinâmico e que pode ser encontrada em diversos lugares e formatos, instruída por educadores licenciados ou não.

Assim é denotado que o processo educacional se realiza consideravelmente a maneira que se aprende a “olhar” o que está a sua volta. E olhar nesse entendimento significa admirar a cidade, contemplar suas especificidades, identificar a riqueza estética, apreciar e preservar o recurso ambiental, conhecer seu diferencial histórico, interessar-se pela memória coletiva, considerar seus espaços, direitos e resistência, reconhecer sua cultura, encontrar seu lugar de participação e principalmente avaliar locais oferecidos ao público como espaços de cultura e lazer. Em outras palavras, observar, reconhecer e apropriar-se dos territórios de oportunidades.

O processo educacional está em constante transformação, pois este é influenciado pela sociedade que cada vez mais apresenta novas demandas, neste sentido observa-se que a educação formal e não formal se aproximam no sentido em que vêm buscando inserir, mesmo que muitas ainda de forma tímida o uso de espaços não formais para experiências significativas nas atividades pedagógicas.

Este trabalho no entanto amplia a concepção de espaços não formais não limitando a algumas instituições sem fins lucrativos ou equipamentos públicos, nesta pesquisa apresentamos a cidade como espaço pedagógico que pode ser aproveitada tanto pela escola, quanto pelas instituições não formais e, até mesmo, para a gestão pública para o desenvolvimento de atividades, projetos e programas com objetivos de aprendizagem.

Desde sua origem, a cidade se configura enquanto lugar de acontecimentos, o palco das atividades humanas, intimamente vinculada ao cotidiano de seus habitantes que influenciam e são influenciados por ela em diferentes áreas. É onde famílias residem, pessoas se relacionam, aprendem ou não a respeitar as diferenças, buscam por crescimento profissional e, a partir disso, as principais características individuais e coletivas vão se destacando. Dessa forma, o seu movimento, suas regras e seu fluxo se personalizam. Mas além de todas essas características a cidade também é espaço de educação. Santos (2009, p.49) argui que “a cidade educa, forma valores, comportamentos, informa conforme sua espacialidade, seus sinais, imagens, escrita, sendo também um conteúdo a ser aprendido por seus habitantes.”

A partir dessas concepções, como universo de pesquisa foi escolhido o município de Cachoeira-BA, situado no Recôncavo Baiano, está aproximadamente a cerca de 120 km de Salvador, capital do Estado. Esta detém o título de “Cidade Monumento Nacional”, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) devido à preservação da sua arquitetura colonial com prédios no estilo barroco, e o status de “Cidade Heroica”, pela sua participação decisiva nas lutas pela Independência do Brasil. Além de ser um importante roteiro turístico nacional e internacional em razão do seu sincretismo religioso, monumentos, gastronomia, festas populares e cultura, dentre outros.

Diante de tão significativa riqueza patrimonial, nesse artigo se busca identificar as potencialidades presentes no seu perímetro urbano que podem ser usufruídos para o aproveitamento educativo.

Educação, educações e os seus objetivos

A Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) reza no seu art. 205 que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Entendendo educação enquanto direito fundamental que assegura ao sujeito outros direitos, são necessárias ações que desejam o enfrentamento de desigualdades e o fortalecimento da cidadania alcancem resultados significativos através da implementação de planos, programas e ações que tornem a educação mais igualitária, democrática e inclusiva. Neste sentido, faz-se necessário compreender os objetivos da educação formal e não formal, pois são foco do contexto apresentado nesse trabalho.

Sabe-se que educação formal é garantida em lei e regulamentada pelas Diretrizes Nacionais, relaciona-se intimamente à escola por profissionais que são responsáveis por ensinar e avaliar a aprendizagem e possui elevado grau de intencionalidade, por meio de um currículo pré-definido e procedimentos específicos a serem trabalhados didaticamente.

Cada vez mais se exige especialização profissional e a inserção de tecnologias nos ambientes educacionais, criando e recriando assim uma nova dinâmica na aprendizagem e abrindo a visão a saberes extramuros da escola. Embasada nesta concepção, ainda que sutilmente, algumas escolas têm buscado valorizar aspectos como a cultura e a diversidade da comunidade extrapolando os limites de seus muros e, nesse diálogo, construir um currículo que ouve e respeita as diferenças que compõem a cidade.

Já a educação não-formal é uma modalidade não organizada por níveis, idades ou conteúdo. Ela independe do lugar, ou seja, é flexível quanto ao espaço (pode ocorrer em espaços não convencionais), no entanto possui um determinado grau de intencionalidade e sistematização. Para Gohn (2014), a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, nas experiências compartilhadas de modo coletivo.

Não é apenas o oposto da educação formal, a sua concepção se baseia na formação da cidadania concebida em experiências de ações coletivas que são desenvolvidas principalmente em espaços de participação da sociedade civil, buscando, a partir de uma leitura do mundo (principalmente do contexto que vive o indivíduo), a troca de saberes e uma educação participativa e emancipatória.

Cada vez mais vem aparecendo a corresponsabilidade da sociedade civil na administração para empregar o melhor aproveitamento dos recursos municipais existentes, por isso se faz relevante e fundamental conhecer e também reconhecer as possíveis potencialidades endógenas, para que assim possam ser implementados projetos locais, dentro de uma estrutura estratégica que contemple os recursos sociais, culturais, econômicos da cidade e possibilite otimizar seus resultados.

Assim ao observar essas modalidades educativas se percebe o quanto estas estão cada vez mais próxima do contexto do sujeito, ou seja, está inserida intrinsecamente no espaço da cidade. Isso reforça a cidade como cenário dotado de recursos e equipamentos para a percepção desses fenômenos que se interligam.

Cidade e o seu conteúdo

Circular pelas ruas, bairros e praças da cidade faz parte do cotidiano da maioria das pessoas. É nesses espaços de vivências do dia-a-dia, que os laços vão se formando, a cultura vai sendo construída e o

cidadão aprende a lutar por seus direitos. Contudo, muitas vezes há uma grande dificuldade de as pessoas contemplarem o entorno em que se vive enquanto espaço educador. Propositamente ou não, o olhar dos cidadãos não percebe os potenciais históricos, culturais, naturais e educativos que há em cada rua, praça, igreja, monumento, escola, e etc., ou até mesmo um olhar que vise modificar os espaços deseducadores do município. E, muitas vezes, por falta de incentivos para essa percepção, as potencialidades dos bens que podem existir naquele ambiente são desconsideradas.

Segundo o dicionário Houaiss (2009), o termo cidade significa “aglomeração humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo”. Entendendo que conceito não é algo estático, mas que evolui, neste estudo se objetiva analisar cidade além da estrutura física, do número de habitantes ou PIB; se busca destacar o termo cidade enquanto território de vivência, experiência, troca e relações.

Toda cidade tem a sua história, a sua identidade, sua paisagem, e esses elementos construídos pelo seu povo se complementam e fazem menção à memória do lugar, revelando características do seu passado através da conservação da sua materialidade e por aspectos do modo de vida da população atual. Paulo Freire (2001, p. 14) reflete que “A Cidade somos nós também, nossa cultura, que, gestando-se nela, no corpo de suas tradições, nos faz e nos refaz. Perfilamos a Cidade e por ela somos perfilados”.

Não vamos aqui traçar uma linha do tempo acerca do surgimento das cidades até a contemporaneidade, pois esse histórico se distancia dos objetivos deste estudo. Entretanto, é preciso ressaltar que, desde sua origem, ela apresenta uma dimensão educativa, pois esse termo se relaciona com civilidade, o exercício da cidadania, o ser cidadão que garantia a tais direitos civis, políticos e sociais.

As cidades são espaços que oferecem diversas possibilidades. É um espaço de saberes contínuos, que permite contatos e trocas. Existem conhecimentos que são particularmente intrínsecos ao local de que se faz parte, esses geram habilidades, atitudes e valores que são exclusivos à comunidade pertencente.

Por essa ótica é notável que, ao conhecer de fato o lugar em que se vive, um significado é dado a esse espaço, provocando uma ampliação de saberes, que com efeito aumenta o sentimento de pertencimento local e identidade e, por conseguinte, o interesse pela valorização e preservação da sua cultura, bem como estimula o desenvolvimento de ações com objetivos coletivos, favorecendo também o crescimento da participação nas decisões públicas.

É no espaço em que vive que o cidadão educa-se cotidianamente através dos seus espaços, paisagens, valores e cultura e todos esses aspectos possuem um potencial educativo relevante, com uma pluralidade de aprendizagens sociais.

A cidade enquanto pedagogia

A partir das concepções apresentadas, é possível compreender que a cidade é espaço de educação. Na visão da cidade enquanto pedagogia, os elementos materiais e imateriais que compõem a cidade apresentam como potenciais educativos que podem ser usufruídos por seus cidadãos. “Educar pela cidade representa palco de estudos de diferentes áreas, os quais caminham na busca pela valorização do caráter educativo da cidade a partir da exploração educativa de seus recursos”. (SANTOS, 2017, p. 28). Dessa maneira a cidade pode ser explorada e utilizada como recursos de aprendizagens para todas as gerações.

Por isso é que é importante afirmar que não basta reconhecer que a Cidade é

educativa, independentemente de nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. (FREIRE, 2001, p.13).

Essa concepção da cidade vista com potencial pedagógico forma cidadãos para lidar com as diferenças, lutar por seus direitos, conhecer a sua identidade e cultura e, além disso, compreender e transformar o espaço em que vivem. Isto aproxima-se à fala de Dowbor (2006, p. 2) quando diz que “A educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la”.

A cidade existe para gerar cidadão de direito e de fato, um cenário de acontecimentos urbanos e educativos diversos é uma fonte geradora de formação e socialização. Este ensino não visa ignorar elementos negativos como poluição, desemprego, trabalho infantil, insegurança, marginalização, falta de mobilidade ou precariedade de escolas e hospitais, mas observar esses problemas com a visão de superá-los. Como afirma Rodrigues (2008, p. 51):

Aprender com a cidade é também aprender a lê-la criticamente e ter conhecimento de suas deficiências, suas funcionalidades, suas desigualdades e os propósitos dos gestores. É essencial ter uma atitude crítica e promover, também, uma atitude participativa, uma vez que a cidade é um objeto possível de conhecimento externo e de produção de aprendizagens subjetivas nos cidadãos para que com ela, de alguma forma, se implicam.

Através desse panorama se infere que ao fazer da cidade uma pedagogia, a cidade é conhecida, explorada e apropriada. Gadotti (2005, p. 8) alude que “Precisamos de uma pedagogia da cidade para nos ensinar a olhar, a descobrir a cidade, para poder aprender com ela, dela, aprender a conviver com ela”. Afinal, Paulo Freire destaca que “A Cidade somos nós e nós a Cidade”. (2001, p. 12). Por isso, conhecer a realidade social, cultural, política e econômica da cidade em se vive é de fundamental importância.

O conhecimento do espaço que se vive traz o sentimento de pertencimento, gera mobilização para objetivas intervenções no território local e forma cidadãos com autonomia, consciência crítica e protagonistas de histórias. Como afirma Dietzsh (2006, p. 2 apud Santos 2009, p.34), a cidade se apresenta como lugar que “deveria e deverá ser do cidadão, para muito além do mapa, a cidade tem o sentido de uma rede a permitir o traçado de múltiplos fios que ganham vozes e significações, e é como um texto, a sugerir muitas leituras que a cidade pode oferecer suas imagens e sentidos em dispersão”.

Nesse sentido, Gadotti (2006, p. 134) comenta:

A cidade dispõe de inúmeras possibilidades educadoras. A vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só, “espontaneamente”: “há um modo espontâneo, quase como se as Cidades gesticulassem ou andassem ou se movessem ou dissessem de si, falando quase como se as Cidades proclamassem feitos e fatos vividos nelas por mulheres e homens que por elas passaram, mas ficaram, um modo espontâneo, dizia eu, de as Cidades educarem”.

A partir dessa construção conceitual que amplia a concepção de educação, associando a dimensão

educadora da cidade através de estruturas urbanas específicas nos quais também é possível aprender e ensinar, se entende que escola não é apenas o lugar pedagógico, mas corrobora para que ela também possa usufruir dos espaços da cidade, bem como da sua imaterialidade para proporcionar aprendizagem e experiências ao contexto que é próximo da comunidade escolar.

Nesta perspectiva, essas instituições devem diagnosticar os recursos educativos municipais que estão na comunidade, com a finalidade de fomentá-los e desenvolvê-los, valorizando a cultura local. A respeito disso, Gadotti (2006, p. 139) declara que “precisamos empoderar educacionalmente todos os seus equipamentos culturais. A cidade é o espaço da cultura e da educação. Existem muitas energias sociais transformadoras que ainda estão adormecidas por falta de um olhar educativo sobre a cidade”.

Ao reconhecer a cidade enquanto importante universo de possibilidades de fenômenos educacionais, é possível superar a percepção superficial e ver ofertas e recursos que podem ser oferecidos através dos elementos que fazem parte dos seus espaços, interagindo dessa forma passado, presente e futuro, visando à construção da consciência histórica coletiva. Cidades que intencionalmente assumem o seu patrimônio e, por meio de um programa, o valorizam e estimulam, fortalecem não apenas o seu capital educativo, mas consequentemente o seu capital social, o capital econômico, o capital cultural e o capital turístico.

Assim, se faz necessário, cada vez mais, apropriar-se da cidade, buscando valorizar aspectos como a cultura e a diversidade da comunidade produzindo a articulação destas através de programas, projetos e ações, que se interessam nas modificações que vem ocorrendo na sociedade fundamentada na concepção de uma educação para cidadania. Deste modo, conhecer os déficits e potencialidades da cidade. Muitos destes têm suas ações realizadas com crianças e jovens e isso favorece o conceito de participação da comunidade o ser parte, fazer parte e ter parte.

Por essa razão, a cidade deve ser um espaço que propicie o aproveitamento de experiências ricas e positivas aos seus habitantes e não habitantes, e assim favorecer esse processo. Ao reconhecer a cidade enquanto importante universo de possibilidades de fenômenos educacionais, é possível superar a percepção superficial e ver ofertas e recursos que podem ser oferecidos através dos elementos que fazem parte dos seus espaços, interagindo dessa forma passado, presente e futuro, visando à construção da consciência histórica coletiva. Cidades que intencionalmente assumem o seu patrimônio e, por meio de um programa, o valorizam e estimulam, fortalecem não apenas o seu capital educativo, mas consequentemente o seu capital social, o capital econômico, o capital cultural e o capital turístico. Com esse entendimento posto em prática, a cidade não é limitada a espaços de violência, de exclusão e trabalho, mas transforma-se sobretudo em centros de oportunidades.

As potencialidades educativas de Cachoeira-BA

O município de Cachoeira situa-se geograficamente na região denominada Recôncavo, às margens do Rio Paraguaçu, desde os primórdios, suas margens foram povoadas com construções do estilo neoclássico, principal local de realizações das relevantes transações comerciais, do escoamento de produtos como o pau brasil e cana de açúcar, e da rota do tráfico negreiro. Cachoeira foi uma vila que tinha um grande poder econômico, era uma região propícia para a mineração (ouro), e um polo da indústria fumageira. Era também ponto de convergência das rotas Recôncavo e o Sertão, via Estrada Real. Esses caminhos estabeleciam contato de Salvador com o interior da capitania, com os sertões e zonas fora do espaço baiano.

No século XIX, a então Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu ganha projeção no cenário da história política baiana e brasileira, ao ser resistência e também a pioneira no movimento emancipador do Brasil. No dia 25 de Junho de 1822, proclama o Príncipe D. Pedro I como Regente e defensor perpétuo do Brasil, fato que antecipa o Grito do Ipiranga (tão conhecido nos livros de História). Este ato transfere a sede do Governo baiano para a vila,

instituindo-a oficialmente como governo provisório, acontecimento inédito na história nacional. Através da Lei Provincial nº 43 de 13 de março de 1837, dada a sua relevância econômica e política à época, a Vila foi então elevada à categoria de cidade de Cachoeira. (CASTRO, 2005, p.115).

Entretanto, a partir de 1940, a economia de Cachoeira entrou em declínio, devido ao desenvolvimento do transporte rodoviário, levando a cidade a um processo de isolamento. Arelado a isto, ocorreram crises na indústria fumageira que perdeu a liderança para outras regiões e também na metade do século XX, ocorre a descoberta de petróleo na área do Recôncavo mais próxima de Salvador que atrai parcela da população das áreas canaveiras e fumageiras para trabalhar em atividades petrolíferas (HENRIQUE, 2009, p. 94).

No entanto, o seu relevante patrimônio material e imaterial ainda resiste e se reflete no cotidiano municipal. Assim, analisando superficialmente a origem histórica desta cidade já haveria conteúdo suficiente para a sua projeção enquanto uma cidade que pode educar.

A começar pelas suas praças, lugares históricos de encontros em Cachoeira, a tradição de ir às praças ainda é vista e praticada. Nesses espaços é possível observar diversas gerações, culturas, gêneros aproveitando oportunidades de lazer, convívio social e conhecimentos. Um dos aspectos positivos destes espaços é a acessibilidade, permitindo que o urbanismo seja de inclusão e integração considerando também as belezas naturais e culturais do município. A exemplo da área do porto que compõe nessa estética o Rio Paraguaçu, que, além de embelezar a cidade, é ainda fonte de história, subsistência, cultura e diversão. Sendo assim, as praças de Cachoeira podem ser aproveitadas para diversos estudo, oficinas, e atividades pedagógicas.

Cachoeira possui um elevado potencial patrimonial material reconhecido nacional e internacionalmente. Podemos elucidar diversos equipamentos públicos que reforçam sua beleza estética, além de contar história de personagens ilustres do Brasil e serem de acesso público. O patrimônio material de Cachoeira é amplo, segundo dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN,2020) a área tombada possui, aproximadamente, 670 edificações. O conjunto arquitetônico - formado na sua maioria por edifícios do século XVIII e XIX - caracteriza-se pela tendência neoclássica, sendo a cidade um bem de relevantes qualidades paisagísticas e por esse seu conjunto arquitetônico recebeu o título de Monumento Nacional, por meio do Decreto Federal nº 68.045 de 1971. Devido à relevância desses patrimônios, serão enumeradas a seguir alguns destes que estão presentes neste cenário e se localizam na região central da cidade:

1. **Paço Municipal (Casa de Câmara e Cadeia)** é um espaço que funcionava como cadeia para presos ilustres no período da escravidão, também foi o local em que Dom Pedro I foi aclamado Regente e Defensor do Brasil, em 1822. Mantem as características daquela época, além de encontrarmos expostas peças de grande valor histórico e de representatividade para a cidade, registros e fatos históricos importantes.
2. **Cine teatro Cachoeirano** é um prédio tombado pelo IPHAN, atende a eventos culturais, principalmente nas áreas de cinema, teatro, dança e música. Um dos primeiros cinemas do país, foi revitalizado e reinaugurado em 25 de junho de 2015.
3. **Museu Regional e Sede do IPHAN** está alojado em uma mansão colonial do século XVIII, é dividida em dois pavimentos. Após sofrer reforma e restauração, em 1966 a casa foi aberta ao público como museu. Seu acervo é composto por mobiliário colonial, além de registros fotográficos e edições da primeira metade do século XX dos principais jornais do estado da Bahia.
4. **Museu do Cinema de Cachoeira Roque Aragão** patrimônio que guarda história do cinema, com um acervo com peças como câmeras, projetor de manivela, ilhas de corte e edição e dispositivos de áudio de diversas épocas.
5. **Casa de Samba de Dona Dalva** é Ponto de Cultura pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e Ponto de Memória pelo Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM. É um Espaço dedicado à preservação da memória do Samba de Roda do Recôncavo. Inclui oficinas de Samba de Roda (História, performance, percussão, viola e violão), ensaios abertos a comunidade e exposições fotográfica.
6. **Irmandade da Boa Morte** um centro cultural sede da confraria Irmandade da Boa Morte com exposições de peças e memorial da Irmandade.
7. **Fundação Hansen Bahia** palco de diversas atividades culturais e universitárias, tem um acervo rico com exposições temporárias e em permanente, lá tem as xilografias de Hansen Bahia.
8. **Ponte D. Pedro II** foi inaugurada em 7 de julho de 1885 com a presença do próprio Imperador, a Imperial Ponte D. Pedro II foi construída sobre o Rio Paraguaçu, ligando as cidades de Cachoeira e São Felix, que se situam nas suas margens. Significativa construção para a economia baiana no século XX e uma das principais obras de engenharia da América do Sul à época, a ponte é hoje também um dos cartões postais de Cachoeira.
9. **Estação Ferroviária** foi aberta em 1876 e inicialmente não havia ponte que cruzasse o rio para a linha férrea. Atualmente está sendo revitalizada para ser um centro cultural.
10. **Conjunto do Carmo** é um dos locais históricos mais importantes de Cachoeira, formado pela Igreja da Ordem Primeira, Capela e Casa de Oração da Ordem Terceira.
11. **Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário** é de grande valor monumental e histórico, com interior muito rico e revestido de azulejos historiados com temas bíblicos. O forro da nave exibe pintura ilusionista e os da sacristia e coro, medalhões. Seu acervo ostenta

- numerosas imagens, doze telas, um sacrário (lugar onde se guardam as hóstias e as relíquias) de prata, e muitas outras peças.
12. **Casa natal de Ana Nery** sobrado de porta e janela onde nasceu Ana Justina Ferreira Nery, pioneira da enfermagem no Brasil, que participou da Guerra do Paraguai (1864 a 1870).
 13. **Chafariz Público** foi construído no final do século XVIII, durante as décadas de 1780 e 1790, para encaminhar “a água do mato de Tenente Felipe ao largo do Hospital”. Com frontão neoclássico, é elevado em alguns degraus em relação à rua onde era distribuída a água, e seu sistema é formado por caixa de captação, vertedouro, aqueduto de transporte, depósito de decantação e regularização do fluxo da água, e sete bicas de distribuição.
 14. **Solar Estrela** é atual Obra de Assistência Paroquial de Cachoeira. Situado em um local de esquina e datado do início do século XVIII, é considerado um dos mais relevantes exemplos da arquitetura residencial do Recôncavo.
 15. **Capela Nossa Senhora D’Ajuda** - A Capela, primeira ermida construída em Cachoeira, ainda no século XVII, foi uma homenagem à Nossa Senhora do Rosário. Somente em 1637 é alçada à condição de matriz, em louvor a Nossa Senhora da Ajuda. Construção de relevante importância arquitetônica abriga as imagens de Nossa Senhora da Ajuda, São Francisco de Assis, São Benedito, Santa Luzia, São Caetano e São Pedro. Nesta Igreja encontra-se a Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda.

Todos esses equipamentos citados acima já revelam a grandeza educativa que se possui na cidade de Cachoeira, mas além desse potencial material presente nas ruas de Cachoeira, é preciso evidenciar que desde o período colonial se destaca pela luta antiescravista, e hoje mantém significativa quantidade de quilombos no seu entorno e cercada de dezena de comunidades quilombolas, certificadas oficialmente pela Fundação Palmares e do Incra.

Cachoeira tem destaque também pela sua diversidade da cultura popular presente no sincretismo religioso que insere manifestações do catolicismo e a cultura afro-brasileira. Em Cachoeira pode-se encontrar diversos grupos de samba de roda (patrimônio cultural brasileiro). Este é expressão de comunidades tradicionais afrodescendentes do Recôncavo Baiano, dentre os quais um dos mais famosos é o Samba de Roda Suerdieck, liderado por Dona Dalva Damiana de Freitas, doutora Honoris Causa do samba pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Além de grupos de samba, mantem viva a herança a quadrilha e a capoeira; a gastronomia com pratos típicos que se encaixam perfeitamente nesse cenário, como a maniçoba, por exemplo, e denotam cultura e resistência e o aquecimento da economia como o licor por exemplo. Há também em Cachoeira diversos tipos de artesanato que podem ser apreciados nas ruas e ateliês, a exemplos das carrancas.

Toda essa cultura é vista nas ruas de Cachoeira, principalmente nos eventos e festas tradicionais que serão descritas a seguir:

- **São João e Feira do Porto** acontecem no mês de junho e é conhecido pela sua tradição histórica, possui o famoso licor, bebida típica do São João e durante os dias dos festejos a cidade conta com atrações de grupos culturais locais, bem como artistas consagrados nacionalmente. A tradicional Feira do Porto conta com artigos artesanais locais e de demais regiões.
- **Data magna da Cachoeira** acontece no dia 25 de junho, Data marcada por a sessão solene na Câmara de Vereadores e desfile cívico com participação de autoridades políticas, apresentação de filarmônicas e populares a fim de relembrar o 25 de junho de 1822, dia em que o povo de Cachoeira assumiu a liderança do movimento que deflagrou a guerra pela Independência da Bahia.
- **Festa da Nossa Senhora da Boa Morte** acontece de 09 a 12 de agosto. É uma festa conhecida internacionalmente e repercutida nos principais órgãos televisivos e noticiosos e é promovida pela Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Na programação inclui ceias, cortejos, missas, procissões, samba-de-roda.
- **Festa de Nossa Senhora D’Ajuda** ocorre entre os meses de outubro e novembro, as festividades têm início com o Pregão do Bando Anunciador, contam com grupos de fanfarras que tocam instrumentos de sopro metálicos, entre outros, anunciando a passagem do tradicional cortejo, conhecido popularmente como embalo, atraindo uma grande parte da população que acompanha o cortejo pelas principais ruas da cidade.
- **Festa Literária Internacional de Cachoeira (Flica)** acontece no mês de outubro é um evento gratuito que inclui shows na praça, painéis, palestras e atividades para crianças com a presença de escritores locais, nacionais e internacionais.

Assim é averiguado o quanto todos esses aspectos podem ser aproveitados para o fomento de ações

educativas que ensinam da cidadania, tradição e patrimônio. Estes espaços possuem potencial para servirem de suporte, tanto para a educação formal quanto a educação não formal, visto que é ambiente que permitem o acesso e exploração para diversas atividades educadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso desse estudo, abordou-se como o território em que vivemos é mais que um conjunto de ruas nas quais trabalhamos, circulamos, moramos. É também a interação que se mantém com esse espaço e deste modo as cidades possuem relevância no papel de ampliação da cidadania.

Nessa compreensão, a cidade apresenta-se como espaço educativo não formal que no cotidiano das experiências e na convivência com a materialidade pode contribuir para a educação, seja na modalidade formal como também para a educação não formal.

Refletimos, então, que a cidade é um espaço pedagógico que pode proporcionar aprendizagens de diversos temas a serem ser lecionados com inúmeras estratégias do seu conteúdo programático com o objetivo geral da promoção da cidadania e objetivos específicos de participação, coletividade e democracia, através da utilização de seus recursos e equipamentos, proporcionando uma educação de formação contínua e continuada adequadas à realidade social, transformando o município em um livro aberto em que em seus elementos estruturais, suas comunidades, seus bairros, seus monumentos, sua história, seus habitantes e as suas singularidades podem ser lidas, sublinhadas, escritas e reescritas construindo temas, textos e atividades a serem avaliados, tanto quantitativamente quanto qualitativamente.

As cidades são espaços dispõem de potencial que serve para o desenvolvimento social, moral, cultural e econômico os quais podem ser usufruídos e partilhados com as futuras gerações.

Nesse sentido, a cidade de Cachoeira apresenta potencial educativo sobrepunjante, a exemplo tem-se as praças integrando esse cenário, seu contexto histórico e a sua participação ativa na história do Brasil, a composição de todo o seu patrimônio material e cultural agrupando as riquezas tangíveis e intangíveis, o seu calendário de festas e manifestações artísticas.

Analisando este quantitativo e qualitativo dos equipamentos públicos, ofertados aos moradores da cidade e visitantes, conclui-se que Cachoeira é uma cidade a qual ensina história na rua, o seu passado não pode ser visto apenas em fotos antigas ou livros, mas também ao percorrer suas ruas e becos. Assim, Cachoeira é uma escola aberta.

Neste sentido, portanto, Cachoeira revela-se uma cidade que transborda potencialidades educativas nos seus espaços não formais que podem ser aproveitadas pelas modalidades de educação formal e não formal oportunizando aprendizagens emancipatórias aos cidadãos que poderá contribuir para o desenvolvimento local sustentável, valorização da diversidade cultural e preservação do patrimônio cultural local.

Isto favorece também a estruturação e legitimação desses espaços, pois a tarefa educativa das cidades está na maneira como sua memória é tratada, como seus espaços são ocupados a fim de serem preservados, para que, desta forma, os conhecimentos, ali disponíveis, possam ser conservados, mas, acima de tudo, venham ser repassados, divulgados e apropriados pelas gerações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CASTRO, Armando Alexandre. O patrimônio histórico-cultural e o turismo na Cidade Heroica de Cachoeira-BA: potencialidade x realidade. 2005. **INTERAÇÕES. Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Vol. 7, n. 11, p. 113-119, set., 2005.

CIDADE. In: **Dicionário online Houaiss**. 2009 Disponível em: rogsil.wordpress.com/2009/04/09/dicionário-Houaiss-cidade/ Acesso em: 13/10/2018.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e desenvolvimento local**. São Paulo, 3 abr., 2006. Disponível em: <http://Dowbor.org.br>. Acesso em: 05 mai. 2018

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

-----**Política e educação**: ensaios / Paulo Freire. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23)

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. (Suisse), 2005.

----- A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec.**, n. 1, p. 133-139, 2006.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos Fac. Educação/UNICAMP/Brasil- **Investigar em Educação** - II^a Série, n. 1, p. 35-50, 2014.

HENRIQUE, Wendel. A instalação da UFRB, a ação do Programa Monumenta e o turismo étnico na reestruturação urbana e no cotidiano de Cachoeira-BA: Notas preliminares de pesquisa. **GeoTextos**, vol. 5, n. 1, p. 89-112, jul., 2009.

RODRIGUES, Lola Cristina da Luz. **Cidade educadora**: estudo sobre a experiência de Esteio. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

SANTOS, F. A. dos. **Cidade educadora e escola cidadã na cidade contemporânea**. 2009. 99 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009.

Autora: Keila Reis Santos.

Titulação -Licenciada em História- 2013 (Faculdade de Tecnologia e Ciências-FTC)

Tecnóloga em Gestão Pública. 2019 (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB)

Pós-graduanda em Educação, Cultura e Diversidade (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB)

Grupo de Pesquisa- Organizações, Gestão e Políticas Públicas (ORGPOP-UFRB)

Instituição de ensino -Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

E-mail: keilaareis@outlook.com